

O MASCULINO E O FEMININO NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Autora: Roberta Caparelli (Letras Vernáculas e Clássicas - UEL)

Co - autor: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon (UEL)

Palavras-chave: crônica, gênero, Rubem Braga.

Segundo vários estudiosos de literatura, a crônica é tida como um gênero menor, pois não alcança a grandiosidade dos romances ou das poesias. Fortemente relacionada ao *chrónos* (tempo), ela se limitava a narrar ordeiramente os acontecimentos.

No Brasil, a crônica ganha espaço primeiro nos folhetins, sendo assim ela era quase que um “artigo de rodapé” sobre o cotidiano.

Como aproximar, então, algo tão sem espaço na literatura propriamente dita, como a crônica, do gênero lírico?

Para isso devemos pensar o lírico como uma expressão pessoal, produzido em primeira voz e que trabalhe os sentimentos, não a racionalidade. A lírica, segundo Merquior (1997), confunde-se com a poesia e proporciona a ligação entre o histórico e o ficcional. Ligação que parece explicar, também para Arrigucci (1987), a possibilidade de encontrar lirismo em um gênero tido como simples, sem rodeios;

às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem vôo.
(ARRIGUCCI, 1987, p. 55).

Também sobre esse encontro do cotidiano com a poesia, dentro da crônica, Candido (1992) diz que ela se aproxima da sensibilidade de todo dia, justamente por sua característica maior, sua despreocupação formal, e que em sua “despretensão, humaniza”, pois a crônica carrega consigo um tom ligeiro, sem delongas, algo próximo da conversa de bar, de um bate-papo entre amigos.

Vemos, então, como características a principio tão distintas podem caminhar lado a lado dentro de um texto, apesar de sua forma simples, vocabulário pendendo ao informal e temática corriqueira.

A respeito dessa poesia contida nesse texto informal, Paz (1982) discorre sobre como podemos encontrá-la em diferentes artes, não apenas em poemas, o que para

Moisés (1982) parece ser exatamente o ponto que a difere do texto jornalístico ao denominar o cronista como “poeta ou ficcionista do cotidiano”.

Em meio a tantos conceitos percebemos o quanto a crônica caminha entre o simples e o complexo, o moderno e o arcaico, o imediato e o elaborado, e ordinário e o poético a ponto de ser eternizada nas páginas de livros.

E é por esse caráter volúvel e ambíguo que a crônica se faz território ideal para a observação da construção da identidade dos gêneros tanto masculino quanto feminino. Trataremos, portanto de duas crônicas que apresentem, ou representem, esse universo de maneira a construir aos poucos tais imagens.

As duas crônicas escolhidas são do escritor Rubem Braga, ambas publicadas no ano de 1954, intituladas, respectivamente, “A casa dos homens” e “A casa das mulheres”, começemos, no entanto, pela casa masculina.

Nesta crônica o autor fala a respeito de alguns homens que moram sozinhos em uma casa tomada pela melancolia. Melancolia expressa por palavras devidamente escolhidas para criarem essa impressão, como por exemplo, quando o narrador fala do “ectoplasma de um primeiro fantasma”, ou ainda quando diz “o ar está um pouco mais pesado em nossa face.”. Tal vocabulário demonstra não apenas a idade dos moradores da casa, como também seu estado de espírito, tão denso quanto a atmosfera em que vivem.

Outra expressão utilizada para demonstrar a idade dos personagens é quando, ao valer-se de uma prosopopéia, o autor fala da idade da casa, e aproveita-se para sutilmente dizer da tristeza carregada pelos homens de lá, isso por meio de características atribuídas ao ambiente, e não tratando de forma direta dos personagens;

A casa dos homens está nessa idade em que certas casas começam a ficar mal-assombradas: em algum canto se adensa, ainda, porém, em demasia fluido, o ectoplasma de um primeiro fantasma, que é também um homem grosso e triste.
(BRAGA, 2003, p. 302).

Essa idéia é construída por meio da criação de imagens, o autor cria a figura de um “primeiro fantasma” para melhor embasar a idéia de a casa ser habitada por homens velhos e carrancudos, homens que não expressam nenhuma alegria na presença um do

outro e sim “secretamente se censuram, pela presença mútua”, homens tão frios quanto um fantasma.

Fantasma, esse, que seguindo uma comparação, “também é um homem grosso e triste”. O conectivo comparativo “também” traz para o texto certa ambigüidade. Podemos, portanto, pensar de duas maneiras a existência desse conectivo, ou ele faz uma comparação entre as características do fantasma e dos homens da casa, ambos grossos e tristes, ou ele adiciona informações a respeito do próprio fantasma, que além de ser o primeiro é do sexo masculino, grosso e triste.

As figuras de linguagem são muito presentes no texto, o que auxilia na construção lírica dos personagens. Para dar vida e personalidade à casa o autor emprega a prosopopéia, como já vimos no trecho acima. Contudo, não é apenas naquele momento que essa figura se faz presente, notamos também a utilização de características humanas quando fala das paredes com um olhar grave;

[...] se alguém colocasse em algum lugar um vaso de flores ou a gaiola de um canário, a censura muda dos móveis e das coisas, o olhar grave das paredes, a soturna irritação dos homens os transformariam lentamente em pequenos montes de cinza.
(BRAGA, 2003, p. 302)

Se pensarmos em “grave” como um adjetivo geralmente relacionado à voz, como o contrário de “agudo”, notaremos outra figura de linguagem nessa mistura de sentidos, a sinestesia, expressa na passagem “o olhar grave das paredes”, o que contribui para dar idéia de um ambiente denso, carregado negativamente.

Jakobson (1978) fala de como a poesia é estabelecida por meio de figuras de linguagem, e acrescenta ainda que as expressões verbais transformam aquilo que descrevem, assim como temos percebido no texto de Braga, no qual por meio das caracterizações da residência construímos o esboço de seus habitantes.

Apesar de tratar-se de uma crônica e não de um poema, podemos falar também que a repetição da palavra “homem” durante o texto forma uma anáfora. Tal repetição é usada pelo autor para enfatizar tratar-se de uma casa habitada por pessoas do sexo masculino, com características próprias e manias próprias.

Uma casa tão esquecida que há tempos não goza da presença feminina, “Antigamente, é verdade, vinham mulheres, às vezes duas ou três e na sala bebiam

vinho e riam.” (BRAGA, 2003). A presença feminina é posta como um deleite da juventude, visto que no final do parágrafo o narrador afirma que as mulheres não são mais bem vindas, pois “criam questões”, e destoariam do cinza que tomou conta da casa nos últimos anos.

Essa crônica foi escrita no ano de 1954, poucos anos depois, já na década de 60, várias questões com relação ao papel da mulher na sociedade começam a ser levantadas. Segundo Chauí (apud Souza, 2007), independente das mudanças sociais ocorridas, a mulher e o homem ainda vivem uma relação hierarquizada, todavia não se deve colocar a mulher na posição de simples vítima da “barbárie masculina”, a mulher é sujeito nessa relação, ainda que seja sujeito dominado. Dominado no sentido que lhe falta autonomia sobre suas escolhas, no entanto as mulheres "criam questões" justamente por estarem buscando sua liberdade que começou a aparecer em 1937 com a legitimação do voto feminino, teve novo empurrão em 1949 com Simone de Beauvoir e sua obra "O segundo sexo", na qual trata da natureza feminina como uma criação social, e finalmente em 1960 com a criação da pílula anticoncepcional temos posto em discussão os direitos da mulher com relação ao seu corpo, suas escolhas, sua vida.

Talvez por não se sentirem confortáveis com essa mudança do comportamento feminino que começa a despontar, notamos na crônica características de homens solitários, tristes, amargurados, não suportam a presença um do outro, e não compartilham da presença feminina, já que há algum tempo os homens "correm atrás" das conquistas femininas, cada vez mais como coadjuvantes em meio a tantas mudanças. De acordo com Giddens (1993), é este o primeiro período em que os homens estão descobrindo possuírem uma “masculinidade” problemática, na crônica caracterizada pela solidão de um homem que precisa da figura da mulher, no entanto não sabe como lidar com essa nova mulher, a mulher que “cria questões”.

O homem descrito no texto é o máximo do masculino de sua época, vivem em uma casa que não aceita enfeites, na verdade o que há na casa é a necessidade de “sentir que são homens e moram em uma casa de homens, entre coisas de homens”.

Sendo assim, podemos observar que os homens desse lugar detêm a idéia de autonomia diante da figura da mulher, para eles essa mulher questionadora não é bem vinda e é tão dispensável quanto seus "enfeites"; há certo orgulho em sentir-se homem em meio às coisas de homem. Isto reforça a idéia de dominação masculina, visto que os

homens excluem de suas vidas aquilo que não conseguem mais controlar, no caso as mulheres.

Pereira (1995) coloca como fatos históricos importantes na construção de uma figura masculina moderna, o feminismo e o movimento homossexual, ambos ocorrem de meados dos anos 60 em diante. O que nos remete ao contexto cultural ao qual esta crônica pertence.

Ainda segundo Pereira (1995), o conceito de masculino que se discute hoje não é apesar da pouca distancia temporal, o mesmo de antes, uma vez que cada mudança ocorrida no comportamento feminino teve, e tem ainda hoje, impacto direto sobre a construção da identidade masculina. Não há como pensarmos o comportamento masculino como algo separado do comportamento feminino. A figura do homem como responsável pelo sustento da família muda conforme a mulher se insere no mercado de trabalho, o homem tem de aprender a lidar com essa nova mulher que veio pouco a pouco aparecendo, a mulher que se divide em vários papéis sociais, e que nem sempre mantém as regalias antes dirigidas aos maridos. Essa busca da mulher por direitos iguais não é aceita de braços abertos, pois como observou Bourdieu, a diferença entre feminino e masculino é fortemente marcada inclusive com relação aos adjetivos usados pelos homens e pelas mulheres.

Goldenberg (2005), ao tratar do corpo masculino e feminino, trabalhando com essa idéia de Bourdieu (2003), percebeu que os homens costumam se mostrar insatisfeitos com as partes do corpo que consideram pequenas demais, pois segundo Bourdieu (2003), esse é um adjetivo diretamente ligado ao discreto, submisso, até mesmo apagado. Características essas, que seriam mais comumente direcionadas ao público feminino, talvez não com essas exatas palavras, e sim com qualidades como delicada, discreta, contida.

Na crônica o autor expõe a “aversão” às características consideradas femininas ao comentar que a delicadeza só era aceita no tratamento com mulheres e crianças, e acrescenta que nem ao menos são todos os homens que ainda usam desse “tom ligeiro ou emotivo, que seria impróprio na severidade do convívio másculo”.

Ao falar das “sombras severas pela contínua presença dos homens”, o autor relaciona novamente uma característica rude ao sexo masculino, o que aumenta a distância entre o universo masculino e o feminino.

Em outro momento o autor comenta sobre a maneira como os personagens encararão suas mortes, “sem nenhuma lamentação” e todos sairão dos velórios de seus companheiros de casa “com os olhos secos”, sem demonstrar qualquer sentimentalismo, inclusive serão todos enterrados no quintal, sem cerimônias, sem dores póstumas.

Em Portugal, existe há muitos anos uma tradicional festa masculina, chama-se “Festa dos Rapazes”, não é necessário ser novo para participar, apenas ser solteiro.

Nesta festa, reúnem-se vários homens na “Casa dos Rapazes” e durante dias vivem como se numa sociedade à parte, com seus símbolos e suas hierarquias, alheios às mulheres, vivendo como bem entendem.

Dessa mesma maneira é estruturada a crônica “A casa dos homens”, de Rubem Braga, não se pode dizer que tenha sido inspirada na festa lusitana, contudo carrega em si à mesma rebeldia, e a mesma vontade de construir uma identidade masculina isenta dos “enfeites” femininos. Se bem que, na crônica essa falta do feminino traz o cinzento da casa, enquanto, provavelmente, essa mesma ausência seja a verdadeira fonte de felicidade e liberdade da casa lusitana.

Voltando-nos agora para a segunda crônica escolhida, esta igualmente escrita em 1954, portanto imersa no mesmo contexto sócio cultural de que tratamos acima, entretanto, notaremos como é mais leve a estruturação dessa crônica em comparação com a anterior, visto que Braga descreve, de maneira despreziosa, os hábitos de seis mulheres que dividem um mesmo lar. Braga tece, em meio a uma narrativa curta, suas considerações a cerca da natureza feminina, valendo-se de pequenas observações sobre o comportamento cotidiano das mulheres que são, de certa maneira, “espiadas” de algum outro lugar.

Na casa das seis mulheres, segundo o autor, nunca é possível avistar todas ao mesmo tempo, pois sempre alguma estará ao telefone e outras duas aos cantos de segredinhos. As moças são sociáveis, e sempre limpas e perfumadas, levam a vida de forma alegre e saudável, até um pouco preguiçosa, como se a vida fosse uma tarde de domingo:

chove com energia, faz sol com prazer, há flores, vidros, luz e sombra na casa das seis mulheres. Os homens que chegam se sentem bem; mas os homens são transitivos; [...]; os homens são como sombras lentas e fortes, mas apenas sombras.
(BRAGA, 2003, p. 301).

Percebemos, então, que as mulheres são caracterizadas por adjetivos leves e associadas ao prazeroso, iluminado e transparente, como os vidros de sua casa, enquanto os homens são apenas sombras que passam, poderíamos, de certa forma, compará-los a momentos de escuridão que logo se tornam “apenas ecos de telefones” (BRAGA, 2003, p. 301).

As mulheres, ao contrário dos homens, permanecem com suas vidas alegres e persistem em sua sensualidade apesar de qualquer sombra que tenha atravessado suas tardes de domingo, como podemos perceber no trecho que segue:

As seis mulheres continuam se lavando, se penteando na luz vespéral, e a casa das seis mulheres espera feliz entrar no bojo da noite cheia de estrelas carregando o sono e o sonho...
(BRAGA, 2003, p. 301).

No trecho acima o autor utiliza o termo “continuam” para demonstrar a persistência feminina que embora enfrentem, como também o fazem os homens, todas as dificuldades do dia-a-dia, elas persistem em se arrumar e aguardar esperançosas pela noite para que possam descansar e sonhar.

Os homens e as mulheres possuem, portanto, características divergentes explicitadas, como vimos, por meio de adjetivos e de termos que demonstram a posição feminina diante da vida, como a persistência assinalada anteriormente. A respeito das relações afetivas entre homens e mulheres, Giddens (1993) assinala a diferença entre o amor romântico e o amor confluyente, sendo o primeiro aos poucos substituído pelo segundo. O amor confluyente, segundo Giddens (1993), é o nome dado às relações cada vez mais aceitas em algumas sociedades modernas, sendo ele o oposto do amor romântico, o qual segue modelos tradicionais e é, principalmente, apoiado na idéia do eterno e único.

Na casa das seis mulheres encontramos traços do amor confluyente, posto que os homens são personagens transitórios, longe de qualquer idealização e apego por parte das mulheres da casa, que vivem a maior parte do tempo sem a presença da figura masculina. Percebemos, então, como o cronista trabalha, quase que por entre linhas, com essas novas características do comportamento feminino, afinal, segundo Arrigucci

(1987), o papel da crônica é exatamente expor, seja de maneira objetiva ou subjetiva, os fatos e as inquietações da vida moderna.

Como vimos, uma das características marcantes de Rubem Braga é transformar suas crônicas em pura poesia. Segundo Arrigucci (1987), o cronista busca nos recursos literários uma forma de fugir do efêmero e, por esse motivo, a crônica, às vezes, carrega em si certo lirismo e subjetivismo poético, ainda que não abandone o tom ligeiro de conversa de bar.

As características poéticas de que falava Arrigucci são encontradas na obra de Braga em vários momentos. Com relação à crônica de que estamos tratando temos uma figura de linguagem formada na passagem na qual lemos que a casa espera feliz pela noite, nesse trecho notamos a personificação da casa de que se fala. Sendo assim, o autor dá qualidades humanas, como a capacidade de esperar e, ainda mais, de estar feliz, para um objeto. Esse recurso é utilizado para mostrar que não apenas uma, mas as seis moradoras dessa casa esperam da mesma maneira pela mesma coisa.

Da mesma forma, o autor tece uma comparação, outra figura de linguagem designada ao poético, ao dizer que “os homens são como sombras” (BRAGA, 2003, p. 301).

Durante a maior parte da crônica a mulher é vista como um ser resistente e permanente, que sobrevive aos contratempos, sendo sempre relacionada a coisas alegres, inclusive a cores coloridas, enquanto os homens não passam de nuvens cinzentas. No entanto é na última frase da crônica que o autor “esconde” a fragilidade feminina, já que é apenas ali que ele cita:

Carregando o sono e sonho de cinco – porque sempre uma saiu, ou foi misteriosamente à sala escura, ou a um canto vigia, ou, escondida, se abandona ao pranto.
(BRAGA, 2003, p. 301).

Ao falar dessa fragilidade, o autor levanta uma segunda questão, a de que as mulheres são misteriosas. Notamos que o mistério feminino está diretamente ligado a uma sala escura, no meio da noite, onde não há mais qualquer transparência ou luminosidade ou, ainda, onde não existem cores e de repente tudo é escondido.

Podemos dizer ainda que esta fragilidade posta de forma peculiar, apenas no último momento do texto, demonstra certa delicadeza da alma feminina que, no entanto,

não se sobrepõe a vivacidade do dia todo, ao contrário do homem que, na crônica vista anteriormente, é descrito como cinzento e amargo durante todo o tempo.

No que diz respeito aos adjetivos, alguns pesquisadores – tais como Bourdieu (2003) e Goldenberg (2005) – afirmam que uma das maneiras de caracterizar as identidades, masculina ou feminina, é a atribuição de certos adjetivos a cada um dos sexos. No caso das crônicas de Rubem Braga, notamos em ambas a ocorrência de adjetivos leves quando trata das mulheres, em contrapartida o autor se refere aos homens como sombras, ou seja, colocando-os como o exato oposto da leveza feminina.

Sendo assim, vemos que a figura feminina é vista em ambos os textos como sinônimo de força e, paradoxalmente, fragilidade, ou seja, a mulher é tida como autônoma e questionadora ao mesmo tempo em que é leve e delicada.

Os homens, por sua vez, são constantemente associados às sombras, persistentes em sua casmurrice, transitórios em meio à alegria feminina.

Todavia, devemos nos ater ao fato de que geralmente as mulheres são associadas ao escuro – ao escondido e privado – enquanto os homens são relacionados à claridade – ao exposto, ao público – e que nas duas crônicas salientadas vemos o oposto disso. Para compreendermos esta inversão devemos retomar a idéia de que estamos lidando com textos de meados da década de 50, momento este que, como vimos, é palco de transformações significativas tanto no comportamento feminino quanto no masculino.

Notamos, por fim, o quão similar é caracterização do feminino e do masculino nas duas crônicas trabalhadas, ao que podemos perceber a maneira como ambos eram vistos e compreendidos diante de tamanhas modificações sociais, tendo em vista que a literatura, em especial a crônica de jornal, representa a sociedade na qual está inserida.

Referências:

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____ **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: _____ **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühmer. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 13 – 67.

CANDIDO, Antônio et alii. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1986.

GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e o relacionamento puro. In: _____ **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, 2005. p. 91 – 96.

JAKOBSON, Roman. O que é poesia? In: TOLEDO, Dionísio (org.) **Círculo lingüístico de praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978.

KIPNIS, Laura. As lidas do amor. In: _____ **Contra o amor**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MERQUIOR, José Guilherme. A natureza da lírica. In: _____ **A astúcia da mímese** . 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Que homem é esse? o masculino em questão. In: NOLASCO, Sócrates (org.) **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 53 – 58.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (org.) **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 15 – 23.